

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, A PARTIR DA ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE

REFLECTIONS ON GENDER, ACCORDING TO PAULINA CHIZIANE

Maria Geralda de Miranda
Katia Avelar

PPGDL/UNISUAM

RESUMO:

Pretende-se com o presente ensaio refletir acerca das lendas e dos mitos sobre o feminino na obra *O alegre canto da perdiz*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Tais lendas apontam ora para uma representação da mulher africana reificada por causa da dominação colonial, ora para representação da própria África invadida e “decaída” do ponto de vista historiográfico, como aconteceu com a “queda do feminino” no decorrer da história da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: África, cultura, feminino, colonização, Paulina Chiziane.

ABSTRACT:

The purpose of this article is to reflect about the legends and myths related to the feminine universe in O alegre canto da perdiz, written by the Mozambican writer Paulina Chiziane. These legends at times signal a representation of the African woman reified in virtue of the colonial domination, at times signal a representation of Africa itself, invaded and “decayed” from the historiographical point of view, as it had happened with the “fall of the feminine” during the history of humanity.

KEYWORDS: Africa, culture, feminine, colonization, Paulina Chiziane.

A leitura prazerosa do romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, nos remete à reflexão da profa. Laura Cavalcante Padilha sobre os missossos. Segundo a pesquisadora, do ponto de vista da produção cultural, a arte de contar é “uma prática ritualística, um ato de iniciação ao universo da africanidade, e tal prática e ato são, sobretudo, um gesto de prazer pelo qual o mundo real dá lugar ao momento meramente possível que, feito voz, desengrena a realidade e desata a fantasia”. (PADILHA, 1995, p. 15).

As lendas ou histórias do matriarcado que acompanham a saga das personagens Delfina e Maria das Dores, no decorrer do romance da escritora moçambicana, possuem traços que lembram o referido “gênero”. Estamos nos referindo apenas às narrativas curtas, a que estou chamando de lendas, inseridas na narrativa maior, que é o livro de Chiziane. Tais narrativas são contadas pela personagem mulher do Régulo. Esta, que em vários momentos

assume a voz narrante e sabe todos os protocolos e rituais para conseguir a atenção da plateia, artisticamente vai contando histórias do matriarcado. A audiência atenciosa e encantada pede à narradora que dê continuidade aos relatos.

A fala inicial da mulher do Régulo é utilizada para acalmar a multidão de mulheres da vila, próxima aos montes Namuli, local que serve de “palco” a um importante núcleo fabular do romance. As mulheres da vila estavam escandalizadas com a aparição de uma mulher desconhecida, a personagem Maria das Dores, filha de Delfina, que, após muito peregrinar, fugindo da guerra, chegara aos montes Namuli e tomara banho nua no rio sagrado dos homens.

Antes de citar o trecho em que o procedimento narrativo aparece, apresento as ideias da professora Laura Padilha que assim se refere ao escritor colonizado:

Na busca desse ponto de equilíbrio, o produtor textual colonizado se vale de vários procedimentos narrativos que vão desde a criação de dois narradores – um da letra, outro da voz –, passa necessariamente pelo bilinguismo, opõe racionalismo e pensamento mágico e atinge, ao fim e ao cabo, um hibridismo cultural dos mais intrigantes. (PADILHA, 1995, p. 74)

Os procedimentos comentados por Laura Padilha estão presentes no romance de Paulina. Há narradores da voz, como a mulher do Régulo, e um narrador da letra, que é aquele que articula, emenda e relaciona todos os núcleos fabulares do romance. No fragmento abaixo, encontramos esses dois tipos de narradores.

A multidão ouve a sua voz a penetrar. O sorriso a desabrochar. A mente a vadiar na paisagem dos princípios. O medo a escapar. Os ânimos se acalmando. O espírito a serenar. A princípio a voz ouvia-se perto. Depois longe. Mais longe ainda como alguém falando de amor no mais profundo dos sonhos. Era uma canção que recordava às mais novas todas as coisas antigas, dos princípios dos princípios, no conto do matriarcado.

Era uma vez...

No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... Eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoada. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes. Um dia, um homem jovem

tentou atravessar o rio Licungo, para saber o que havia. Ia afogar-se quando aparece a linda jovem, sua salvadora, que meteu o homem no seu barco. Como houvesse frio, a jovem tentou reanimar o moribundo com o calor do seu corpo. O homem olhou para o corpo dela, completamente aberto, um antúrio vermelho com rebordos de barro. Ali residia o templo maravilhoso, onde se escondiam todos os mistérios da criação. E depois...

A velha senhora era uma exímia contadora de histórias. Ela sabe as circunstâncias exactas em que se deve usar uma imagem e outra. O que deve ser omitido e o que deve ser dito. Os momentos que marcam e os momentos de pausa. A beleza da história depende da tonalidade da voz, dos gestos da contadora. Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão. Por isso impõe uma pausa. E suspense.

— Por que olham para mim? O que querem de mim? Que me ponha aqui a dizer indecências na presença das crianças que trazem nas costas? Não, não digo mais nada, de resto, vocês já sabem o vem a seguir. Agora, voltem para casa, para cuidar das crianças. Voltem!

As mulheres riem-se, a tranquilidade já foi conquistada. Aquela história encerra dentro de si mundos maravilhosos. Por isso querem ouvir aquilo que já sabem há dezenas de anos. As cenas de amor e traição. Da liberdade e luta. De atração e rejeição. Absorver a doçura das palavras que emanam daquela boca e sonhar como as crianças.

— Ah, grande mãe, conta, termina esse conto, tão bonito!

— Pronto, já que me pedem, termino. Os homens invadiram o nosso mundo — dizia ela —, roubaram--nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurparam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada.

Algumas mulheres recordam o conto e sorriram de esperança. A mulher do régulo reconhece que a fantasia das suas palavras surtiu efeito. Aquela louca simboliza o mundo novo da guerra, das doenças, da exclusão social, ao qual todos se encontram sujeitos.

— Ah! Mas então, de onde terá vindo?

— E nós de onde viemos? — Pergunta a mulher do régulo.

— De longe — respondem ao mesmo tempo.

— E onde fica o longe? (CHIZIANE, 2008, p. 21-22)

A mulher do Régulo é uma espécie de *griot* que retira da memória histórias, certamente antigas, e as articula com uma situação concreta do grupo comunitário, proporcionando reflexão e ensinamento. A forma como ela conta é ritualística, prazerosa e interativa. Da narração participa também a audiência, com perguntas e comentários. Para explicar a “loucura” de Maria das Dores, ela utiliza contos, cuja temática é o matriarcado. A partir de tais contos, o leitor começa a fazer associações.

A Zambézia, região localizada no centro de Moçambique, onde acontecem todas as ações narrativas, passa a ser lida como metáfora da África e esta como berço remoto da humanidade, tempo em que a deusa imperava. Na verdade, as associações são profícuas, pois a África, metaforizada na região da Zambézia, é invadida, explorada e dominada, como as mulheres nas histórias do matriarcado. Essa ideia vai sendo reforçada no decorrer do romance, conforme podemos observar na transcrição abaixo.

A história se repete. As lendas antigas se reproduzem e se materializam. Lendas do tempo em que Deus era mulher e governava o mundo. Era uma vez;
Há muito, muito tempo, a deusa governava o mundo. De tão bela que era, os homens da terra inteira suspiravam por ela. Todos sonhavam fazer-lhe um filho. A deusa, tão maternal e tão carinhosa, jurou satisfazer o desejo de todos os homens do mundo. Mandou dizer, pela voz do vento, que numa noite de lua haveria dança. Que ela desceria à terra no seu carrossel dourado para que as mãos humanas pudessem, finalmente, conhecer a macieza da sua pele. O momento chegou. Banhou-se, perfumou-se e usou os melhores unguentos. Subiu ao pico dos Montes Namuli, tirou o manto e dançou nua para que todas as mulheres invejassem os seus encantos. Chamou os homens um a um e agraciou-os com a divina dança. Engravidou de apenas um, afinal não tinha poderes para parir o universo inteiro. A descoberta dos seus limites foi fatal. Todos ficaram a saber que afinal a deusa era uma mulher banal e o divino residia no seu manto de diamantes. Descobriram ainda que era feita de fragilidade e tinha a humildade de uma criança. Os homens sitiaram-na. Roubaram-lhe o manto e derrubaram-na. Tomaram o seu lugar no comando do mundo, condenando todas as mulheres à miséria e à servidão, Esta é a origem do conflito entre o homem e a mulher. É por isso que todas as mulheres do mundo saem à rua e produzem uma barulheira universal para recuperar o manto perdido. (CHIZIANE, 2008, p. 220).

As lendas ou narrativas curtas que são inseridas no romance de Paulina se iniciam por “Era uma vez”, expressão que, no universo do livro, ou da letra, introduz o leitor no mundo da fantasia, do faz de conta, não remetendo, obviamente, à ficção realista, mas ao conto de fadas, às adivinhas etc. Há uma expressão em língua *ronga* que traduz isso: “*karingana ua karingana*”. A reiteração dessa fórmula de abrir e fechar as histórias também nos remete aos missossos, já que essas expressões de abertura e de fechamento dos relatos, bem como a repetição de frases ou palavras fazem parte da tradição e da preservação desses tipos de narrativas da literatura oral. Vejamos o fragmento abaixo:

Depois da invasão original, as mulheres ficaram escravas. Lutaram pela libertação. Recuperaram de novo o seu reino e mataram todos

os homens. Decretaram uma lei: toda a criança que nascer varão deve ser morta, para exterminar a maldição do masculino. Assim o fizeram. Durante um longo tempo, as mulheres viveram num paraíso total, absoluto. Um paraíso pudico, sem emoções, sem sexo, sem partos, sem nexos. Num belo dia nasceu uma criança linda como um anjo. Era varão. As parteiras, hipnotizadas pela beleza da criatura, esconderam a verdade e declararam que era fêmea. Cresceu vestido de mulher e aprendeu a fazer trabalhos domésticos. O tempo passou. A barba surgiu e a voz engrossou. Começou a invadir e a engravidar de novo todas as mulheres do reino, como um galo na capoeira. A rainha ordenou a sua morte, mas as mulheres apaixonadas pela criatura uniram-se, mataram a rainha e proclamaram o homem como o novo rei. Assim surgiu o primeiro harém. As mulheres tornaram-se escravas e tudo voltou a estar como antes. Porque o homem é um bicho indestrutível, ambicioso.

A rivalidade entre homens e mulheres agudizou-se. Para solucioná-la, é melhor colocar os homens na terra e as mulheres na lua. Assim, olhar-se-ão com saudade pelo espelho celeste, tal como acontece quando a luz aclara as eternas imagens dos longínquos e distantes habitantes da lua. (CHIZIANE, 2008, p. 260)

Evidentemente, não conseguimos deixar de estabelecer relações entre os fragmentos destacados do livro e o posicionamento da escritora, no que tange a questões relativas ao feminino. Sabemos que as manifestações materiais e discursivas de opressão da mulher, não apenas no Ocidente, vêm de longa data e se relacionam a fatores de cunho sociológico, antropológico e psicológico que envolvem aspectos relacionados à divisão social do trabalho e à própria procriação. Simone de Beauvoir argumenta que

a história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (BEAUVOIR, 1980, p. 179)

Observemos mais um fragmento retirado da obra de Paulina:

No princípio dos princípios, o mundo era só de mulheres. Elas lavavam, caçavam, construíam e a vida florescia. Os seres humanos, como a flora, nasciam do solo. Bastava semear uma abóboreira e as abóboras cresciam. Passados uns meses as abóboras abriam-se como ovos de galinha, deixando sair as mulheres mais lindas do planeta. Um dia, uma das mulheres caçou um ser estranho. Parecia gente, mas não tinha mamas. Tinha cabelo no queixo e, contrariamente aos outros bichos, tinha uma cauda curta à frente e não atrás. Prenderam aquele ser e levaram-no à rainha. A rainha olhou, espantou-se. Mandou lavar aquele animal e trazê-lo para junto dela. O animal tinha magia. Só o olhar dele provocava umas massagens concêntricas no coração, no peito, na mente. Quando lhe tocava, o sangue corria e o coração batia. A rainha deu por si a executar a dança da lua e da cobra com os lábios suspirando poemas

nunca antes recitados. Da cauda do animal cresceu uma serpente, tímida, violenta, que derrubou a rainha à procura de um abrigo para esconder a cabeça. Encontrou um subterrâneo, entrou de imediato e se escondeu. A rainha estremeceu e rendeu-se. Solto o primeiro suspiro de amor e descobriu que o animal era, afinal, um homem. Ela começou a engordar, a engordar e nunca mais conseguiu caçar. Passado um tempo, um filho nasceu.

O animal foi ao seu reino e falou da sua descoberta. Afinal ele também era rei. Convidou os seus para uma expedição àquele país de maravilhas. Os homens vieram, colonizaram todas as mulheres e instalaram-se como senhores. Foi assim que surgiu o primeiro amor e o primeiro ódio. Recebidos com amor, roubaram o poder às mulheres e por isso foram condenados a caçar cada vez mais longe e a trabalhar cada vez mais para sustentá-las.

É por isso que os homens morrem nas guerras, nas minas, nas plantações, para levar para casa a vitória prometida. Foi assim com os marinheiros. Recebidos com amor, acabaram senhores. Tentavam arrasar tudo e levar a vitória às suas damas. Falharam. Não se pode carregar toda a extensão da Zambézia dentro de um barco. Ou de um avião. Nem se pode destruir toda a vida com a força das armas.

No mundo onde a mulher manda, os filhos são do José, Abdul, Ndialo, Charles, Lu Xing, Stephany. A família tem peso de vento, enleve e esvoaça como uma nuvem tecida de sangue de diferentes cores, formas, e texturas. A alegria e a liberdade são filhas do matriarcado, onde se obedece às leis da natureza porque só a mulher conhece o verdadeiro pai dos filhos que tem. Os homens são simples reprodutores, seres menores. Por isso eles devem pagar por tudo. Pelo lazer, pelo prazer que é concedido pelas mulheres. Pagar pela maternidade e pela dignidade que as mulheres lhes dão, pois sem elas não construiriam família. No mundo onde o homem manda os filhos são de um só. A família tem peso de chumbo, tecido por laços do mesmo sangue. Mas é um reino de lágrimas e de sofrimento. Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres. (CHIZIANE, 2008, p. 270-271)

Rose Marie Muraro, na edição de 1991 do livro *O martelo das feiticeiras*, o manual do inquisidor, apresenta com clareza o processo de desenvolvimento da sociedade patriarcal e a conseqüente consolidação da hegemonia do poder do homem sobre a mulher, do primitivismo ao capitalismo moderno.

A própria visão de divindade, que era predominantemente feminina nas sociedades primitivas, de forte peso matriarcal, se desenvolve para o compartilhamento de deuses e deusas e chega ao seu ponto culminante, com um deus único e masculino. As narrativas da criação nos informam que o homem é feito à imagem e semelhança de deus e. somente após. a mulher é feita, não como criadora, mas como criatura.

No plano histórico, Engels (1985, p. 64) afirma que a “queda da mulher na história universal se dá quando ela passa a ser servidora, escrava do prazer do homem e mero instrumento de reprodução”. Ele também diz que este

rebaixamento da condição da mulher, tal como já aparece abertamente “entre os gregos dos tempos heroicos e mais ainda dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocado, dissimulado e, em alguns lugares, até revestido de formas mais suaves, mas de modo algum eliminado” (ENGELS, 1985, p. 64).

Em *Educação e gênero: assimetrias e discriminação na escolarização feminina em Bissau*, Manuela Borges confirma que o impacto da colonização tomou diferentes formas e afetou as vidas das mulheres e homens diversamente, como resultado da dinâmica (de tensão, acomodação e inovação) entre

o capitalismo colonial, o modo de produção familiar, as atitudes e as práticas patriarcais europeias e africanas, assim como refletiu igualmente a resistência ativa das mulheres ao controle masculino sobre os recursos sociais e sobre as próprias mulheres. (BORGES, 2007, p. 78)

Borges trata em seu artigo da colonização da Guiné-Bissau, mas, em se tratando da colonização portuguesa na África, os processos foram, relativamente, parecidos. Assim, as suas reflexões são de grande valia para pensarmos a situação da mulher em Moçambique retratada por Paulina Chiziane.

Com a finalidade de conformar as culturas locais aos ditames da sociedade ocidental portuguesa que o colonialismo concebia como superior, instalou-se na Guiné um ensino específico para as mulheres nativas, por meio do qual se procurava inculcar a ideologia da mulher passiva, esposa e mãe, dependente economicamente do pai ou marido. No entanto, tal concepção de

divisão sexual do trabalho e dos papéis de mulher, esposa e mãe, veiculado pelos agentes coloniais desconheceu a preexistência de um modelo de relações de gênero em que as mulheres desenvolviam importantes papéis produtivos e reprodutivos, simultaneamente nas esferas públicas e privadas. [...] A autoridade familiar com atributo masculino era, no quadro das concepções perfilhadas pelas autoridades coloniais, evidente e inquestionável, e informou práticas discriminatórias das mulheres. Por exemplo, a forma de aplicação do imposto da ‘palhota’, captado por chefe de família, conferindo estatuto de adulto e chefe de família exclusivamente aos homens constitui um fator não negligenciável na deterioração do estatuto das mulheres. (BORGES, 2007, p.78-9).

Heloisa Buarque de Hollanda, em *Tendência e impasses: o feminismo como crítico da cultura* (1994), pontua que o olhar feminista volta-se, atualmente, para o campo da cultura, procurando entender como determinados textos são historicamente construídos e postos em circulação, “como

invariavelmente perpassam relações não só de gênero, mas raciais, sexuais, de classe, entre outras” (HOLLANDA, 1994, p. 11). Dentro do marco desse paradigma simbólico, mediatizado pela linguagem, o sujeito mulher, alicerce do feminismo, se fragmenta em suas diversas construções, por meio de várias modalidades da diferença.

Nas sociedades pós-coloniais, lugar de onde a escritora Paulina Chiziane fala, não dá para abordar o feminino sem falar da reificação sofrida pela mulher, durante a colonização, nem fechar os olhos para questões culturais enraizadas no mundo moçambicano como a prática da poligamia. Assunto, aliás, muito polêmico e discutido em outra obra da escritora, o romance *Niketche*.

Em ambas as obras, a problemática do feminino tem uma centralidade. Ambas refletem sobre a situação da mulher colonizada, ambas discutem a poligamia enquanto prática social. Mas, em *O alegre canto da perdiz*, ela faz um resgate muito interessante das histórias do matriarcado. Situa os montes Namuli como berço da humanidade, lugar de onde fala a narradora da voz, a personagem mulher do Régulo, que, junto ao narrador da letra, tece a saga das personagens Delfina e Maria das Dores. O narrador da letra apresenta-se pactuado com o narrador da voz, e este sempre que toma a palavra busca articular essas duas instâncias.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difel, 1980.

BORGES, Manuela. “Educação e gênero: assimetrias e discriminação na escolarização feminina em Bissau”. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, p. 73-88.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

_____. *Niketche*. Uma história da poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ENGELS, Friedrich. *Origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Escala, 1985.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRAMER, Henriche; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Trad. Paula Froes. *Malleus maleficarum*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1991.

PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, p. 35-49.

_____. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1995.

Texto recebido em 30/09/2014 e aprovado em 13/11/2014.